

Bancos contra quitação de dívida

ELISEU REVELA: OS BANQUEIROS IMPLORAM PARA QUE O DÉBITO INTERNO NÃO SEJA LIQUIDADO, POIS PODEM QUEBRAR.

Publica

PAULO SOTERO
DE WASHINGTON

Num episódio que revela de maneira quase caricata o interesse na manutenção do "negócio" da inflação no Brasil, os banqueiros do País que se reuniram com o ministro da Fazenda, Eliseu Resende, no domingo passado, imploraram a ele para não pagar a dívida interna com o dinheiro que o governo apurar na venda das esta-

pagar minha dívida através de um programa de privatização. Eles disseram para mim: por favor, pelo amor de Deus, não mata a dívida não, porque assim você nos mata também".

Eliseu disse que o governo pretende liquidar parte do estoque e alongar os pagamentos do restante da dívida. A insistência com que Eliseu fala da modesta dimensão da dívida interna - "ela é muito pe-

Se o governo tivesse caixa para liquidar sua dívida, não apenas estaríamos matando a dívida, como talvez matando o próprio sistema financeiro brasileiro.

(Ministro Eliseu Resende)

tais. Se isso acontecer, alertaram, os bancos quebrarão.

A conversa foi contada ontem pelo próprio Eliseu. Pressionado por jornalistas a explicar sua posição pessoal sobre a política de juros, um assunto que vinha evitan-

do desde que chegou a Washington, ele ressaltou a importância de se fazer o ajuste fiscal antes de se pensar numa redução das taxas.

"Quem puxa a taxa de juros no Brasil são os títulos do governo", esclareceu. "Se o governo tivesse caixa para liquidar sua dívida hoje, não apenas estaríamos matando a nossa dívida, como estaríamos talvez, quem sabe, matando o próprio sistema financeiro brasileiro", informou Eliseu. A seguir, sem que fosse perguntado, ele relatou o encontro no qual apresentou o programa econômico aos banqueiros, antes de embarcar para Washington. "Quando conversei com os bancos, eu falei: vou

quena comparada com o tamanho da economia" - sugere que os bancos deveriam começar a diversificar seus negócios para sobreviver a uma eventual vitória do País contra a inflação.

Saber se o programa econômico levado por Eliseu a Washington contém os ingredientes necessários para se travar essa luta é a questão que os técnicos dos Fundo Monetário Internacional continuaram a explorar ontem, no terceiro dia de conversas com os membros da delegação brasileira.

Sorridentes, o ministro da Fazenda e o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, caminharam juntos no saguão da sede do FMI, depois do almoço dos membros do comitê interino da organização. Eliseu desmentiu que tenha ouvido qualquer avaliação negativa de Camdessus sobre o programa e insistiu que continua a colher impressões positivas.



Eliseu com Alexandre Kafka, do FMI, e Roberto de Almeida, da área externa do BC.

NEGOCIAÇÕES

FMI ainda analisa

O ministro Eliseu Resende admitiu que até agora não recebeu de do diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, um sinal definitivo da disposição do Fundo de

iniciar as negociações de um acordo do tipo "stand by" com base no programa oferecido pelo governo. "O FMI precisa de um pouco mais de tempo para concluir sua análise do nosso programa." Fontes oficiais disseram ontem que vêem pontos positivos no plano, mas são céticos em relação

a outros, principalmente na área fiscal. O FMI dificilmente rejeitará o programa, indicaram as mesmas fontes. O mais provável é que o utilize como veículo para uma demorada negociação prévia, na qual sugeriria mudanças e fixaria um processo informal de avaliação da economia.

O RISCO DE QUEBRAR É MÍNIMO

Mudança seria lenta

É difícil acreditar que o ministro Eliseu Resende tenha ouvido dos banqueiros, na reunião de domingo passado, um apelo para que não resgate a dívida interna, sob o risco de os bancos quebrem. Contudo, se de fato fizeram o pedido, eles estão certos apenas em parte. Nem todos os bancos quebrariam se o governo quitasse a dívida mobiliária, que é de US\$ 30 bilhões, dos quais US\$ 20 bilhões, em BBCs, giram no curtíssimo prazo (até 28 dias). Os US\$ 10 bilhões restantes giram no mercado de NTCs, com prazos de 12 a 24 meses.

Ao liquidar essa dívida com o dinheiro das privatizações, o governo acabaria com uma das mais importantes fontes de renda dos bancos, os maiores aplicadores de recursos nesse mercado. Ocorrendo de hora para outra, essa quitação poria algumas instituições financeiras privadas — particularmente as que concentram operações no mercado especulativo — em situação delicada. Mas não se espera isso. O processo de venda de estatais continua lento e, mesmo que venha a ser apressado, ele acontecerá num ritmo que vai permitir a adequação da maioria dos bancos à nova realidade.